



CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADE E
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA

MARTA LIDIANE SOARES RODRIGUES

**GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE MULHERES PARTICIPANTES
DO PROJETO IUCÃNAS TORIBAS MANAUS-AM**

MANAUS-AM
2018

MARTA LIDIANE SOARES RODRIGUES

**GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE MULHERES PARTICIPANTES
DO PROJETO IUCÃNAS TORIBAS MANAUS-AM**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado no Instituto Federal do Amazonas- IFAM/CMZL, como exigências para obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia, orientado pelo Professor Dr. Denis da Silva Pereira.

MANAUS-AM
2018

MARTA LIDIANE SOARES RODRIGUES

**GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE MULHERES PARTICIPANTES
DO PROJETO IUCÃNAS TORIBAS MANAUS-AM**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado no Instituto Federal do Amazonas- IFAM/CMZL, como exigências para obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia, orientado pelo Professor Dr. Denis da Silva Pereira.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denis da Silva Pereira

Prof. Mcs. José Mauricio do Rego Feitoza

Prof. Dra. Lidiany de Lima Cavalcante

EPIGRAFE

“Quando a velhice chegar, aceita-a, ama-a. Ela é abundante em prazeres se souberes amá-la. Os anos que vão gradualmente declinando estão entre os mais doces da vida de um homem. Mesmo quando tenhas alcançado o limite extremo dos aos, estes ainda reservam prazeres.”

Sêneca

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	5
I-INTRODUÇÃO.....	6
II- REFERENCIAL TEÓRICO	
2.1 Gênero e sua representação social.....	7
2.1.1 A mulher na história e sua representação social.....	8
2.2 A velhice e o Termo Terceira Idade.....	10
2.3 Sexo e Sexualidade: As vozes das agentes da pesquisa.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	17
APÊNDICE	18
ANEXOS.....	19

GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE : EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES SOCIAIS DE MULHERES DO ENSAIO FOTOGRÁFICO IUCÃNAS TORIBAS MANAUS-AM

Resumo

O presente estudo analisa Gênero, sexo e sexualidade na terceira idade. Compreendendo as condições de mulheres idosas a respeito do sexo e sexualidade, considerando o contexto sócio cultural do machismo e dos preconceitos em relação aos “ Papéis Sociais” de gênero. Estudo realizado no Centro Estadual de Convivência do Idoso (CECI) Aparecida-Am 2014. Tendo como agentes sociais seis mulheres com idade entre sessenta e oitenta anos, frequentadores do centro de convivência do idoso e participantes do ensaio fotográfico Iucanas Toribas. Constatou-se que 100% das participantes da pesquisa consideram o sexo importante na terceira idade, as relações sexuais nesta fase são cercadas de um conjunto de sensações, relacionado ao companheirismo, respeito e amor e sexo.

Palavras- chave: Gênero, Terceira idade, Sexualidade

Abstract

The present study analyzes Gender, sex and sexuality in the third age. Understanding the conditions of older women regarding sex and sexuality, considering the socio-cultural context of machismo and prejudices in relation to gender "Social Papers". Study conducted at the State Center for the Coexistence of the Elderly (CECI) Aparecida-Am 2014. Having as social agents six women between the ages of sixty and eighty, who are members of the elderly 's cohabitation center and participants in the Iucanas Toribas photo essay. It was found that 100% of the participants consider the sex important in the third age, the sexual relations in this phase are surrounded of a set of sensations, related to the companionship, respect and love and sex.

Keywords: Gender, Elderly, Sexuality

INTRODUÇÃO

Este artigo sobre Gênero, sexo e sexualidade na terceira idade: experiências e percepções de mulheres do ensaio fotográfico Iucanas Toribas, é resultado de um recorte de pesquisa Etnográfica realizada na graduação no Centro Estadual de Convivência do Idoso (CECI), localizado no bairro nossa senhora de aparecida, zona central da cidade de Manaus. O centro de convivência do idoso, constitui-se em entidade pública no âmbito estadual, tendo como finalidade a permanência diurna de idosos para desenvolvimento de atividades físicas, laborais, recreativas, socioeducacionais, culturais e reabilitação psicomotora, visando o bem-estar e melhor qualidade de vida ao idoso.

O projeto Iucãnas Toribas que em Tupi-Guarani que dizer laços de felicidades, foi idealizado pelo fotógrafo Chico Batata e parceria com o Centro Estadual de Convivência do Idoso, como finalidade desmistificar a ausência de sexo na terceira idade, tendo como participantes vinte casais com idades entre 55 a 85 anos que aceitaram participar do ensaio sensual fotográfico. Diante do grande número de participantes do ensaio fotográfico, verificou-se a necessidade de uma triagem, sendo estipulado amostras com seis mulheres casadas com idades entre 60 a 80 anos e frequentadoras do centro de convivência do idoso. Sendo este trabalho restrito a questão da sexualidade de mulheres (CIS).

A aproximação com a referida temática se deu no processo de graduação, realizando pesquisas referente ao processo de envelhecimento e visitas em espaços desenvolvidos para idosos. O contato direto com os agentes sociais, possibilitou-me frequentar várias atividades como rodas de conversas, oficinas e palestras aplicadas a questão da velhice, possibilitando compreender as questões norteadora e subjetividades que norteia a questão do processo de envelhecimento.

Com a Pós graduação em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia, dialoga

ndo com outros campos do conhecimento como a sociologia e antropologia houve aprofundamento com a questão da sexualidade na terceira idade, contextualizando de modo explicativo as experiências e percepções de mulheres na velhice, buscando um novo olhar em relação a sexualidade na nesta fase. O presente trabalho dialoga com a discussão sobre política de reconhecimento – políticas de reconhecimento identitária que na atualidade ampliou-se lutas por direitos de inúmeros grupos sociais, neste caso dos idosos que ao se perceberem excluídos, buscam políticas que os incluam à condição de cidadania.¹

Inúmeros questionamentos surgem quando se pensa a relação entre sexualidade e pessoa idosa. Mitos, tabus e estereótipos, perpassam o imaginário social ao analisar a sexualidade, em específico a questão de gênero a mulher na terceira idade. Na velhice a questão da sexualidade perpassa pela concepção social como a fase do " não sentir, não desejar, não querer" entre outras máscaras que a sociedade costuma enfatizar.

No decorrer do trabalho aborda-se as categoria: Gênero e Representação social, a rigor pode-se falar de uma história de subalternidade, mais também de luta que constitui um espaço de conflitos de gênero, tendo as relações familiares como um campo privilegiado. Para uma compreensão do processo de envelhecimento, o trabalho utiliza a Categoria Velhice e o termo terceira idade. Por fim apresento uma reflexão teórica sobre sexualidade e as percepções de sexo e sexualidade na velhice, das mulheres idosas que participam da pesquisa. Portanto, a análise deste estudo está em Compreender as condições de mulheres idosas a respeito do sexo e sexualidade, considerando o contexto sócio cultural e preconceitos em relação aos “ Papéis Sociais” de gênero.

1. Gênero e sua Representação Social

O conceito de gênero, ainda hoje provoca discussões sobre as desigualdades nas relações de poder. Por um longo período, a questão de gênero era determinada tão somente pelo sexo, mais que ao longo dos anos ganha um novo olhar, deixando a visão totalmente biológica, e visto como uma construção cultural do ser humano, sendo este responsável por suas funções e papéis sociais.

A questão de gênero para as ciências sociais, biológicas e psicológicas, diferem em conceitos do que o gênero representa a cada uma delas. Para a ciências da saúde, refere-se ao termo biológico, relacionado ao sexo binário masculino e feminino. Sua classificação está

¹ De acordo com a reflexão de Taylor – Multiculturalismo, Nancy Fraser – Reconhecimento sem ética.

relacionada a forma distinta, sistema em que a sociedade se divide entre homem e mulher, determinando os papéis sociais de gênero, identidade e atributos.

Já as ciências sociais, analisam a questão de gênero como uma perspectiva socioculturalmente construída, Foucault (1997), Butler (2003), Preciado (2002), onde o indivíduo não é somente produto da sexualidade biológica, mais de construções das relações sociais no meio em que está inserido. Butler (2003) argumenta a distinção entre sexo e gênero, atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo, desta ou daquela maneira.”[...] supondo por um momento a instabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de” homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres”intérprete somente os corpos femininos”.(p.24)

Entretanto, para a psicologia existem duas vertentes, o essencialismo, onde a sexualidade é algo definido como biológica e fisiológica, visto o sexo como uma força natural já existente no corpo desde a fecundação, onde teria um padrão estável e não influenciada por fatores externos. Outra vertente e o construtivismo onde a sexualidade depende da cultura e das relações sociais estabelecidas, a sexualidade seria então uma escolha pessoal, baseada em suas experiências culturais, sociais e históricas.

Ressalta Simone de Beauvoir (1990), o gênero é construído, mais há um agente implicado em sua formulação, um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. A questão de gênero é uma escolha, podendo ser construída e destinada não somente ao sexo masculino ou feminino, mais ao conjunto de ações e fatores que levam a construção de um sujeito culturalmente designado a seguir seu livre - arbítrio.

1.2 A mulher na história e sua representação social

O papel da mulher na história, por longos anos foi de submissão. Sua educação era diferenciada dos homens, educada para o casamento, não cabendo a ela escolhas. O processo de construção do papel da mulher ao longo da história está nas fases em que a mulher se constrói e passa a ser vista como um ser de direitos e representatividade. No período iluminista, não existia o sexo binário, apenas o masculino. O corpo feminino era visto apenas

como um corpo incompleto, onde por longos anos a ciência e medicina buscavam a compreensão de como funcionava a reprodução humana.

A dominação masculina que determina o papel secundário das mulheres, em todos os sentidos, inclusive no campo da representação das práticas sexuais, são produzidas pelo androcentrismo que domina o processo de construção social e o capitalismo, mesmo com a faceta de primazia da liberdade não superou este padrão de dominação, pelo contrário o reforçou.

Quanto ao androcentrismo, a política de um estado organizador do capitalismo primava pelo cidadão modelo como sendo o homem branco trabalhador. Desta feita, o fato de serem institucionalizadas “compreensões androcêntricas de família e trabalho naturalizou injustiças de gênero e as removeu da contestação política” (FRASER, 2009, p. 16)

No período burguês a mulher passa a ser vista como um ser sagrado, sem corpo, virgem e santa, apenas feita para procriação, não podendo manifestar desejos e prazeres. Beauvoir em sua frase “Não se nasce mulher se torna mulher”, traz a reflexão em torno do questionamento da existência do chamado feminismo, enquadrando e prendendo a mulher em características e limitações.

Ser mulher não é algo naturalmente dado, mas construído socialmente, historicamente e culturalmente, sendo a divisão dos sexos muito mais biológico do que um momento histórico da humanidade. Para Cabral² (2012), a construção androcêntrica, estabeleceu um ideário padrão de comportamento e natureza, transporta os que ali não se enquadram em párias da sociedade ou, quando muito, em meros coadjuvantes sociais.

A representação da mulher em determinada época da história perpassa por vários processo de aceitação e reflexões em torno do que as definiriam.

A representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca entender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeito político; por outro lado a representação e a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorce o que é tido como verdadeiro sobre a categoria de mulheres. (BUTLER, 2003, p. 18).

² Mestre em Direito Constitucional e Teoria do Estado pela PUC/RJ. Especialista em Direito Administrativo pela PUC/SP. Mestrando em Derecho de Daños pela Universidad de Girona/ Espanha. Membro da Comissão de Estudos Constitucionais da OAB/MS. Ex-advogado da União. Procurador da Fazenda Nacional.

Neste sentido, o feminismo almejava algo mais representativo, que o libertasse do poder dominante daquela época e se tornasse uma categoria de direitos não mais regulados politicamente, mas dentro de uma estrutura igualitária de sujeitos reconhecidos e emancipados. A representatividade da mulher na história, perpassa por várias ideologias, que buscavam visibilidade cultural, política, econômica, sexual e social.

O movimento de mulheres ganhou visibilidade no final do século XIX e começo do século XX com a luta pelo direito ao voto. No Brasil esse movimento também foi aderido, implementando no senado um projeto de lei que dava às mulheres o direito ao voto, o projeto virou lei em 1932, com o novo código eleitoral brasileiro. E nas décadas de 60 a 80, houveram lutas por liberdade, autonomia e direito a própria vida e seu corpo, conquistado o direito aos métodos contraceptivos, que garantia a mulher a libertação do seu próprio corpo.

Outros direitos adquiridos ao longo da história está o direito à educação, divórcio, trabalho igualitário entre outros. Portanto, os movimentos feministas atuais segue firme em suas lutas, por reconhecimento, fim do machismo, violência e abuso sexual e direitos igualitários. Ressalta Beauvoir (1960a) Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a “Fêmea” humana assume o seio da sociedade.

Portanto é fundamental a mulher entender seu papel nos espaços sociais, sendo os movimentos feminista a construção histórica dessa mulher como sujeitos de direitos, deixando no seu passado o enquadramento social de padrões culturalmente machistas que por longos anos o limitaram.

2. A velhice e o Termo Terceira Idade

Ao longo da história, em certas culturas a questão da velhice era tratada como uma deficiência fisiológica, um corpo em declínio, velho e cansado. Na filosofia grega, Platão e Sócrates, refletiam sobre a velhice e suas conclusões eram divergentes. Platão considerava a velhice a fase da obediência e valor com os mais idosos, aos filhos cabia-lhes obrigações para com seus velhos pais e ao falar respeitosamente.

Na filosofia de Sócrates, a velhice estava relacionada a alma e corpo: “é preciso que a velhice seja feliz: uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências” [...] Entretanto, os bens do corpo e os bens exteriores são necessários ao bem do espírito” (Beauvoir,1990,p.137). Na questão religiosa, a bíblia relata a velhice no livro de provérbios (16:31) em que lê-se: Os cabelos brancos são uma coroa de honra: é o caminho da

justiça que essa coroa é encontrada”. Abençoada por Deus, a velhice exige obediência e respeito: “Tu te levantarás diante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho”.

Na religiosidade, a velhice está entrelaçada ao respeito múltiplo e obediência aos mais idosos, valorizando culturalmente a sabedoria dos anciões e sua vivência ao longo do tempo. Com o passar dos anos nos períodos históricos, a velhice torna-se questionada como algo ainda abstrato, pouco entendida cientificamente, visto que o corpo tornava-se cansado, o vigor já não correspondia a idade e sua mudança física ficava ainda mais evidente.

No século II, o médico e filósofo romano Cláudio Galeno, fez uma síntese geral da medicina antiga, considerando a velhice como intermediária entre doença e a saúde. Nos Estados Unidos nos anos de 1900 a 1930, o número de idosos duplicou com a industrialização da sociedade, a concentração de velhos crescia gradativamente. Novas pesquisas sobre a velhice, começam a surgir em outros campos do conhecimento, na biologia, psicologia e sociologia. No século XIX surge a Geriatria, como a medicina que estuda a prevenção e tratamento de doenças e incapacidade em idades avançadas.

Havendo a necessidade em complementar os estudos sobre a velhice, cria-se em 1945, nos Estados Unidos a Sociedade de Gerontologia, dedicando-se a publicações periódicas sobre a velhice. Conceituada como a ciência que estuda o processo de envelhecimento e suas modificações biológicas, psicológicas e sociais. As modificações biológicas são as que se revelam com aparecimento de rugas, cabelos brancos entre outras, na psicológica ocorrem quando, ao envelhecer, o ser humano precisa adaptar-se a cada situação do seu cotidiano.

Já as modificações sociais são visíveis quando as relações sociais tornam-se alteradas em função da diminuição da produtividade e principalmente, do poder físico e econômico. Em uma sociedade capitalista é mais evidente ver essas alterações. Essa sociedade de maneira abstrata impõe um “isolamento” social as pessoas idosas que não mais participam do processo produtivo. Segundo Beauvoir (1990), A velhice não é um passo para a morte, mais uma etapa da existência humana que deve ser encarada de forma constante.

No entanto, a velhice ao longo do tempo foi percebida como algo abstrato, mais que estava ali pronta pra ser vivida e compreendida. A relevância em compreender a velhice está em sua historicidade e totalidade, necessário que perceba as subjetividades que norteiam a vida da pessoa idosa e sua percepção em relação à velhice.

Neste sentido a questão da velhice está em sua aceitação e como o idoso se vê diante do processo natural do envelhecimento. Segundo percepção de Rosa 60 anos “*Envelhecer e ter saúde, o processo de envelhecimento na terceira idade está sendo a melhor fase da vida*”. Para Jasmim 69 anos, torna-se um segmento natural do processo de envelhecimento “*a velhice pra mim é uma consequência da juventude, é naturalmente aceita*”. Ressalta Violeta 68 anos que o envelhecimento reflete na experiência de vida, sendo visto como “*conhecimento e convivência, com o tempo se aprende mais nesta longa estrada da vida*”.

Em síntese aos dados coletados sobre a percepção da velhice pelos agentes da pesquisa, observou-se que o processo de envelhecimento é vivenciado pelos participantes como processo natural e gradativo que o ser humano vivencia.

Sobre o termo Terceira Idade, Peixoto (1998) ressalta que a expressão surgiu na França em 1962, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice, visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas, onde a velhice a princípio era pautada na exclusão social. Na atualidade é considerado por especialistas como um termo relacionado a qualidade de vida, pautado na prática de exercício físico e inserções de pessoas idosas nos espaços sociais, entre estes estão os Centros de Convivências para Idoso, Universidades Abertas da Terceira Idade e algumas instituições de longa permanências entre outras.

Com a melhoria nas condições de vida e acesso a atividades educacionais, culturais, esportivas e de saúde, o número da população idosa deve superar a de jovens até 15 anos nos próximos 20 anos (Euler Ribeiro, 2012. XII Fórum da Terceira Idade, Unati/UEA).

Sobre a terceira idade como qualidade de vida, os agentes da pesquisa relacionam com a prática de esporte, lazer e convivência, mencionadas por elas atividades desenvolvidas no Centro Estadual de Convivência do Idoso. Identificou-se que a prática de esportes está frequente na vida das participantes, considerada como práticas para um bom funcionamento do corpo, como ressalta Jasmim 69 anos “*faço musculação e dança do ventre está aqui no centro de convivência ajuda muito todos os idosos*”. Em relação a convivência diária no centro, explica Orquídea 62 anos “*tenho muitos amigos aqui, sinto-me muito bem*”. Reforça Margarida 80 anos “*Eu adoro esta aqui, não tenho vontade de ir embora para casa, aqui pratico caminhadas e hidroginástica*”.

Portanto, o termo terceira idade está relacionada ao bem-estar, dentro das subjetividades que norteiam o meio em que cada indivíduo está inserido, pois cuidar da saúde é sempre fator primário na vida os agentes da pesquisa, visando as limitações em que a idade impõe.

3. Sexo e Sexualidade: As vozes das agentes da pesquisa

A sexualidade é um termo amplamente complexo, não podendo ser definida como absoluta ou única, mais como aquela que engloba diversos fatores que vão desde seu sentido múltiplos relacionados a emoções, afeto, necessidade interpessoais, aos atos mais íntimos do ser humano. Dentro das teorias das necessidades humanas, a sexualidade está incluída no grupo das necessidades interpessoais.

Para OMS (2002), a sexualidade é a parte integral da personalidade de cada um. Sendo uma necessidade básica, um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Um aspecto central do ser humano ao longo da vida, em que inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

As relações entre homens e mulheres, no que se refere à sexualidade e suas regras, inicia-se segundo relatos antropológicos com os povos primitivos, onde nas tribos primitivas as relações entre os sexos não eram mantidas com intuito afetivo ou pelo desejo de ter o outro para si, e sim para estabelecer a sua própria sobrevivência física. Esta questão estava definida em termos de necessidade de práticas, associadas a caça, pesca, ao plantio e na criação dos filhos.

Segundo Foucault (1999), no período helenístico, séculos que precederam ao cristianismo, ainda não podemos observar as ideias de "sexualidade e sexo", mas uma "Aphrodisia", regime que rege os atos e prazeres, uma arte erótica. Onde o exercício do prazer encontra-se atrelado a uma reflexão ética, cujo problema não é saber quais são os atos permitidos ou proibidos, mas com que força se é levado pelos prazeres e desejos.

Na era grega a sexualidade apresentava-se como forma erótica, havendo dois tipos de comportamentos radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo, ao amor pelo sexo oposto, sendo a forma de amar livremente com seus encantos e prazeres. O processo histórico da sexualidade e suas mudanças ao longo do tempo, ressalta que a sexualidade é um conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais.

Para Foucault (1999) a sexualidade no século XIX era vista como fator econômico, referindo-se ao casamento como forma de negociação, o homem ganha status e poder e a mulher a devoção e obediência ao marido. A Partir do século XIX, o dispositivo da sexualidade vai fixando-se na forma da família, lugar obrigatório do afeto e dos sentimentos de amor.

Portanto, no período vitorino, a sexualidade torna-se um tabu, conhecida como função reprodutiva, responsável pela procriação, vista neste período como algo repressivo não podendo falar e manifestá-la, restringida apenas ao casal. Em 1545-1563, com o concílio de trento e a reforma do catolicismo, pregando aos fiéis a idéia do matrimônio, o intuito estava direcionado ao controle social, a união de riquezas e conservação dos valores e crenças.

Na velhice, a grande força negativa que este grupo possui em relação à manifestação do desejo ou da atividade sexual, vem das normas comportamentais, culturalmente imposta pela sociedade, ligando-os aos modelos referenciais em que o indivíduo adquire no decorrer da vida. Segundo especialistas, o sexo na terceira idade não tem aposentadoria, as frequências diminui, mas nunca acabam. A presente reflexão baseou-se em um método fenomenológico, pautado em um estudo etnográfico com abordagem exploratória, quanti-qualitativa de observação participante. Com base em minayo (2001), essa metodologia possibilita o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelecer uma relação face a face com os observados. Os agentes sociais dos estudos, foram seis mulheres com faixa etária entre 60 a 80 anos, participantes da exposição fotográfico Iucãnas Toribas.

Foram utilizadas abordagens investigativas com aplicações de questionários, formulários e roteiro de entrevista, sempre respeitando o posicionamento das participantes, obedecendo o Termo da Resolução 466/2012 e 510/2016, que se refere respeitosamente a integridade dos participantes, dando-lhe o direito de entrar e sair da pesquisa quando assim quiserem.

Sobre a questão do sexo na juventude e na velhice, observou-se que as frequências sexuais tornaram menos frequente na terceira idade, mais que ganham um novo contexto podendo ser exemplificada através dos discursos das participantes. De acordo com *Margarida, 80 anos*, o sexo se tornou um elemento importante para a saúde “ *O sexo na minha juventude foi importante, fazia com frequência, atualmente eu faço de uma a três vezes ao mês, faz bem para nossa saúde*”. Para Rosa, 60 anos tornou-se um complemento “*O sexo*

na juventude foi ótimo, e atualmente continua sendo é um complemento para o casamento”. As frequências sexuais na velhice, são vistas não mais em quantidades, mas como processo construtivo da qualidade sexual, conforme explica Violeta, 68 anos “ *Na minha juventude o sexo era todo dia, atualmente é pouco apenas uma vez por mês, mas a relação ficou melhor”.*

Diante dos diálogos, as percepções e experiências na juventude, ganham um novo olhar na velhice, o corpo já não tem mais tanto vigor como na juventude, a ansiedade em satisfazer-se ganha um novo sentido, não mais medido por frequências, mais por um conjunto de sensações que tornam as relações mais prazerosas.

O velho muitas das vezes deseja desejar, porque conserva a nostalgia de experiências insubstituíveis, porque permanece ligado ao universo erótico construído por sua juventude ou sua maturidade :é pelo desejo que ele viverá sua própria integridade. Desejamos a juventude eterna, e esta implica a sobrevivência da libido (BEAUVOIR,1990,P.392).

Vários elementos podem ser apontados como indutores de prazeres com ou sem presença de orgasmo. Ao contrário da visão social as relações sexuais continuam, não havendo uma fase que esta atividade e os pensamentos sobre o sexo ou desejo acabem. Portanto a questão da sexualidade perpassa pelo pensamento do idoso como a fase da vivência sexual com qualidade, conhecendo outras formas de manifestar sua sexualidade.

Sobre a definição da sexualidade na percepção das idosas, observou-se que em sua maioria relacionam ao companheirismo, felicidade, sexo, amor, paz que formam um conjunto de sensações ou ao simples desejo de estarem juntos. Orquídea 62 anos, relata “*É algo bonito e importante, pois não existe interesse físico e sim companheirismo”.* Para Margarida 80 anos se define como sensações “ *Acho bonito e gostoso é bom traz felicidade e paz”.* Rosa 60 anos ressalta que é “ *Importante para manter um bom relacionamento, a sexualidade tem que existir dentro do casamento”.* Para Violeta 68 anos, a sexualidade ainda está na visão do corpo “*depende do corpo, mas que quando duas pessoas se gostam e se amam o sexo é bom”*

Ao analisar a sexualidade junto as participantes, constatou-se que as vivências sexuais são bastante presente na vida conjugal, onde as percepções referente ao sexo e sexualidade, são conjunto de sensações que estão além de relações sexuais, relacionando o sexo a questão do prazer, carinho e complemento, e a sexualidade identificada como as sensações que envolve o companheirismo, a felicidade, amor e uma boa conversa. Conforme os dados, é

possível constatar que a dimensão das vivências sexuais são expressivas nesta fase é vivenciada com mais responsabilidade.

Durante a pesquisa, observou-se que a maioria das participantes ao retratar suas experiências e percepções, pontuaram alguns tipos de preconceitos e padrões que lhe são impostos em alguns casos na família e sociedade. Em relação a questão da sexualidade na visão social as participantes foram em sua totalidades incisivas em relatarem os preconceitos que muitos ainda preservam. Segundo Jasmim 69 anos, muitos ainda relacionam a sexualidade na velhice como algo inexistente, *“Velho não faz mais nada, minha família também pensa assim, dizem que não é verdade, pois já estou velha”*. Em alguns relatos a visão social chega a ser constrangedoras e agressivas. Como relata Rosa 60 anos, *“Os idosos são muito fogosos” ... “Não conseguem ter mais prazer...” São safados e enxeridos, a sociedade é muito preconceituosa”*. Pontua Margarida de 80 anos que *“É mito o homem não é mais homem e a mulher e velha acesa”*.

No entanto, observou-se no diálogo com as participantes que as famílias em sua maioria encaram a sexualidade na velhice como algo contínuo e socialmente aceito, apenas uma participante relatou sofrer repulsas da família em relação ao desejo sexual nesta fase. Portanto, o trabalho de campo demonstrou que o senso comum da sociedade que nega a sexualidade dos idosos não se coaduna com a experiência e as percepções das próprias idosas, considerando que mesmo que elas compreendam o sexo e sexualidade como algo distinto na juventude, elas não deixam de ter a vivência do sexo e sexualidade na terceira idade.

Isso aponta ao processo de desmistificar a visão do idoso como um ser inativo, sem função social, sem práticas afetivas e sexuais. Contudo, ressalta-se que o sexo e a sexualidade na velhice continua, as mulheres idosas participantes da pesquisa, não só desejam e sentem prazeres com seus parceiros, mas vivenciam de forma ativa sua sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice por muito tempo foi vista como um período de declínio e perdas, contribuindo para existência de estereótipos e preconceitos em relação à pessoa idosa. Entretanto esse pensamento vem se modificando, o idoso passa a ser visto como um indivíduo em plena forma, não mais com o vigor da juventude, devido algumas limitações decorrentes do processo de envelhecimento.

Os resultados apontam que as idosas não só desejam, mais vivenciam sua sexualidade, seus desejos e prazeres. Pode-se perceber que isso as deixam mais animadas e com a autoestima mais elevada, desmistificando assim a visão social de que não existe sexo na terceira idade. Portanto, a relevância da sexualidade nesta fase, está no sentimento de sentirem-se vivos e sexualmente ativos.

Compreende-se que cada indivíduo em sua subjetividade, constrói sua sexualidade e a vivência de forma que seus desejos continuam presente em todas as fases da vida. A pesquisa realizada que consubstancia este artigo, trouxe para mim como pesquisadora do processo de envelhecimento, um grande processo de aprendizagem, porque contribui para que eu minimize -se minhas prenoções a respeito da sexualidade na velhice.

Este tema deve ser considerado relevante, tendo em vista que a longevidade e crescente no país, onde as pessoas idosas exigem uma política de reconhecimento. Sua relevância social pauta -se na reflexão de que a sexualidade na terceira idade, parte do princípio de uma política de reconhecimento social que visibiliza a questão da sexualidade na terceira idade como fator de contribuição de novas pesquisas nos campos sociais.

Portanto, especialmente profissionais que dedicam suas vidas a este trabalho, seja no campo da saúde pública ou no campo da assistência social, devem ter um olhar mais amplo e perceber que os idosos são plenos e apenas exigem um tratamento diferenciado de forma que venha garantir sua autonomia para desenvolver suas atividades e manifestações de sentimentos de forma consciente e livre de prenoções que cercam o processo de envelhecimento.

Sendo assim, é necessário ressaltar que a sexualidade deve ser analisada em sua totalidade, sem que se limite a sua compreensão, onde não venha ser entendida apenas como um ato sexual ou método reprodutivo específico da juventude. Mais com aspectos presente em que as relações sexuais tornam-se estímulos de pessoas idosas que vivenciam de forma saudável sua sexualidade.

REFERÊNCIA

BEAUVOIR, Simone de. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Boletim Científico ESMPU, Brasília, a. 11 – n. 37, p. 85-99 – Edição Especial 2012.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2003. V.2.

FOUCAULT, Michael. (1997). História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal 1997.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. Mediações, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-22, jul./dez. 2009.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?**. *Lua Nova*, 2007, no.70, p.101-138.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde (2002). Informe Mundial sobre a violência e a saúde sexual. Genebra: OMS

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M.L.de. (Org.). Velhice ou terceira idade? Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

PRECIADO, Beatriz. Manifiesto contra-sexual – Prácticas subversivas de identidad sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

TAYLOR, Charles. (Org.). Multiculturalismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

APÊNDICE

- Ensaio Fotográfico Iucanãs Toribas.



